

A razão feliz

OSWALDO EVANDRO C. MARTINS*

I

O conceito de razão feliz remonta a Epicuro (341-270), significando a vivência do agradável, o estado da alma de bem-estar consigo, a satisfação sublimada com as próprias ações. Se constrange a alguém proceder mal, conquanto de conformidade com sua grei, é que está sendo olvidado o sujeito, desumanizada a pessoa e sacrificado o prazer espiritual.

Três razões se registram na Filosofia: teosófica, científica e feliz. O saber se refere ao estágio histórico em que o homem se enquadra no seu desenvolvimento e ao sistema crático que o subjuga. Deus, ciência e felicidade significam respectivamente metas supremas que a mente estatui, cultiva e, às vezes, cultua.

A supremacia relativa desses pontos propõem os pensadores atuais – tomistas, positivistas e marxistas -, que se polarizam e polemizam. Os primeiros deificam a regionalidade ontológica ou intencionalidade, até à sua feição máxima com Husserl (1859-1938); os segundos a reificam em todo o campo do social com Durkheim (1858-1917); e os últimos a reduzem à extinção das classes com Marx (1818-1883).

Essa discussão filosófico-antropológica pode ser trazida para o terreno político. As três entidades citadas – divina, científica e eudemonística – implicam o exercício do poder, mas é a terceira que se desenreda da gregariedade zoológica. O animal é instintivo, porém o homo sapiens é consciente. Esta a diferença essencial: o clã é aceito.

Preconizava-se enfrentar o Estado adverso dividindo-o moralmente. Isto em Roma, desde o estrategista de legião ao senador. Depois,

* Sócio efetivo do Instituto do Ceará.

já em Florença, Maquiavel (1469-1527) teorizava a questão à margem de qualquer consideração relacionada à divindade, à cognição ou à eticidade. O que importava não seria o caráter dos meios utilizados, mas a eficiência dos fins perseguidos. Isto era incontestável, porque contra os fatos não há argumento.

Aristóteles (384-322) pouco divergia disso. Aconselhou Alexandre (356-326) a tratar os persas como animais, pelo que não professava uma doutrina humanística, coisa que se pode monitorar no terrorismo estatal.

A internacionalização da economia ou globalização aboliu a alçada das nações, sob a égide e dominação do dólar norte-americano, isto é, do imperialismo. Ora, não há líder sem liderados, mas torna-se incômodo a estes qualquer liderança, que é sempre um detrimento psicológico.

Essa consciência o ser humano já a manifestara na confissão religiosa ou judicial, mas fundava-se num crivo ou estamental ou particular, não individual ou singular. Houve que consumir, equalizar e generalizar o conhecimento para todos e para cada um, sustando quaisquer conveniências do socius ou do grupo social e cedendo a percepção mais pura e ao dever mais ético.

II

Aquela disciplina partidária dos comunistas, frequentemente extremada em dogmatismo, submissão, obediência, absolutismo da função de militância política, não mobilizava a razão feliz. A acusação de facciosismo era ameaça permanente as cabeças pensantes, de modo que a nietzscheana conformação de rebanho se impunha ao indivíduo jungido ao grupo, que vedava atender o sentimento mais íntimo.

A extensão do saber para todos lhes possibilitou o advento da autocritica de cada qual. O que incomoda e desagrada é uma regra de exclusão, que surde dos refolhos da mente. Então, o homem deixa de reprimir-se, de submeter-se, de tanger-se de fora de sua própria identidade, ao perceber, na atitude – mental –, como a pessoa – social – é usada, explorada, molestada, tolhida e mutilada.

Em princípio, arvorar-se em líder não consente com a liberdade do liderado. A este tampouco se coaduna um papel de liderança – vice, sub, co ou anti –, pois incorre na mesma dissuasão.

Não se trata aqui de uma indução dos livres, mas de uma constatação dos iguais produzidos pela ciência, pelo método, pela técnica e pela organização. Estas condições exaurem o conhecimento do objeto, e não o do sujeito, que se faculta e ensaja uma injunção frutiva, recíproca, fraternal e ética.

A razão vigente é replicante, diacrítica, aporetica e circunscrita a objetividade. Cumpre transcender esse estorvo ôntico e contemplar os elementos da subjetividade mencionados acima.

Vai-se ao critério consentâneo, já indiciado pelo epicurismo: o prazer. O trabalho pretérito o doa ao futuro. De natureza subjetiva que ele é, não se lhe opõe o regime de classes, porquanto a sociedade não mais a possuirá.

A intelectualidade se diversifica e se avoluma, avassalando toda a estrutura em que se insere. O propósito é derrogar o cansaço e penosidade laborais, mediante o domínio cognoscitivo e ergonômico sobre o conjunto das forças produtivas, incluídos os intelectuais. O equivoco estava em que partidariamente se criticava o militante, compelindo-o a autocriticar-se e cumulando a paternidade única da crítica e da autocrítica.

Enquanto se ignoram as virtudes, é que vícios as estão sobrestando com proibição ostensiva ou a arguição de risco iminente ou latente. Semelhante paradigma atitudinal frena e estagna o pensamento, promovendo chantagem e corrupção contra a inteligência, até que a racionalidade – adquirida, desenvolvida e fixada – eclode gnosiologicamente. Acolhe o verdadeiro e descarta o aparente, como hipocritamente já se recomendava.

Configura-se a democracia – sistema igualitário –, que é causa eficiente da mudança psicofísica. O temor, a inveja, a hostilidade e o acusamento – anímicos – exaurem-se, instaurando-se o reinado da confiança recíproca – a confraternidade –, sem confrarias particularizadas, sem instâncias disputantes, sem lideranças paralelas.

III

A igualdade faz os homens concidadãos, plenos, satisfeitos, fraternos e éticos. Residuais e intransitivos, os antagonismos de classe se desmotivam, deperecem e desaparecem no curso da aplicação da razão feliz.

A congerie de circulo vicioso e de mesmice recorrente satura o objeto e o conhecimento, com alienações, estereotípias, erronias e contumácias, mas evidencia afinal o sujeito e sua faculdade de autocritica singular. É Camões (1524-1580) quem já assuntava a tal mudança axiológica – alternativa e propiciada pelo “valor mais alto” (cf. *Os Lusíadas*, Porto, Lello & Irmao, 1949, fls. 1)-.

O prazer é obscurecido pelos critérios objetivos e posto em suspenso. Todavia, não há porque ficar atreito a objetividade apenas, privado do senso profundo e da busca da medida isenta e alcandorada. A veracidade eticamente insatisfatória inexistiu sempre. Em adota-la, é que se foi chantageado ou corrompido.

Para as duas categorias filosóficas, isto é, a realidade e sua reprodução mental, o autor do presente artigo, há mais de uma década, atentava no seguinte: “O homem, sujeito-objeto, que é, jamais se transformará, se omitir a subjetividade, porque é somente em função desta que operam a luta ideológica em prol da humanização, a consciencialização dos interesses humanos, as mudanças humanas da sociedade e , em suma, a desalienação do homem ” (cf. *O autor e o ator*, Fortaleza, Barraca do Escritor Cearense, 1994, p. 36).

Quem se deixa intimidar e manipular está conscientemente infeliz. Evidentemente este estado psíquico era desconhecido daquela piedosa velhinha que levou uma acha de lenha para a fogueira inquisitorial de Savanarola. Exemplo contrário é o do carrasco que se recusa a executar sua repugnante tarefa. Quando gesto desse jaez se torna repercussivo, brada a convicção de que todos podem considerar-se irmãos.

O erudito filósofo Mário Ferreira dos Santos elaborou, no seu dicionário de Filosofia e Ciências Culturais, o longo e trabalhado verbete “Cratos”, mas no mesmo não fala de condições éticas e fraternais. As comunidades fragmentadas; as organizações não-governamentais, também; e até as associações e firmas em geral: pretendem monopolizar uma fatia mercadológica do saber, o que entanto os progressos – cibernéticos e informáticos, computacionais e comunicacionais – democratizaram e liberaram. Que o digam os internautas.

Se se consegue a formação do intelecto, isto é, os direitos a ela – iguais ao ar que se respira ou o sol que, como se diz, nasce para todos –, a vida, o convívio e o comportamento seriam cabais e equânimes. A luta

darwiniana para a evolução biológica e a luta marxiana para a marcha histórica são uma remotíssima e a outra remota.

E não haverá, pois, as demandas reprimida e insatisfeita do capitalismo, nem, na forma delas, a desmoralização de hipossuficientes, inexperos, obumbrados ou deslumbrados.

Consuntivo o trabalhador e produtiva a empresa, o prazer seria perfeito, mas o capital engendra o lucro e institui a exploração dos consumidores. A previsão marxista, porém, assegura “que dia virá em que é preciso privilegiar os valores propriamente éticos da fraternidade, do serviço e do amor, como escreve Roger Wehl (cf. De 1 ‘*autorité des valeurs*, Paris, Presses Universitaires de France, 1957, p. 170)”.

IV

A razão feliz escoima e exclui o chamado sigilo de Estado da categoria de virtude do domínio ético. O monstro hobbesino empobrece as pessoas, vestindo-as e adornando-as com os paramentos de objeto. O homem deixou conseqüentemente de ser sujeito, ficou desalmado, perdeu sua essência e assumiu a do Leviatã.

O que é, por exemplo, a delação privilegiada, senão traição oficializada, infidelidade à consciência mais profunda, infelicidade do cidadão? Por que um advogado abraçar esfuziantemente a causa do réu cuja defesa se lhe atribui? Onde autocrítica singular de ator no papel de vilão?

Não se justifica quem voluntariamente deserta do seu lidimo dever e procede mesquinamente, adstringindo-se ao interesse pessoal ou corporativo. A conduta autêntica e veraz sabe, porém, o grau de compulsão a que se rende, sendo esse juízo – mesmo quando se infrinja –, o que perdura e punge no íntimo.

Trata-se do dualismo psíquico do capitalismo: as relações humanas e as alienadas. Estas últimas são: “a ordem do mercado fundado no jogo dos egoísmos racionais,... as ordens do patrão,... as ordens dos superiores,... e os regulamentos gerais” (cf. Lucien Goldmann, *Recherches Dialectiques*, Paris: Librairie Gallimard, 1959, pp 84-5).

Essas “ordens” constituem o governo em ato, ao lado e acima de um mínimo de humanismo em potência, um núcleo elementar de afetividade, uma atalaia de felicidade. Quando a diátese do capitalismo se exacerba, o regime se exaure e o caos se instala – como agora acon-

tece – , resta a cada um refugiar-se na sua subjetividade e identificá-la num seu igual, ensaiar em tropismo cognitivo contra a solidão.

Excetuadas hipóteses psicopatológicas, deixa-se de ser solitário, individual ou absolutista, desde que se vislumbre o par ou parceiro, o confrade ou irmão, outrem ombro a ombro. Nada obsta a que os dois então se apaziguem, congracem, confraternizem e regozijem.

Essa questão não é líquida e certa, porque lhe mínguem condições generativas e históricas, a não ser o ínsito desconhecimento e imprevisibilidade do que virá. Acena-se e sugere-se um viés perspéctico, que apenas aflora do contexto arcaico – aferido pela guerra de todos contra todos –, o qual é uma totalidade que se remata em si mesma.

Um ciclo se fecha, mas o raio do círculo dos familiares e amigos – que é espaço humano –, amplifica-se, nessa sociedade – inaugural, nova, desconhecida –, que, eticamente, se prenuncia, dealba, difunde a sua luz e imagem. O sistema social fossilizado na psique e dela oriundo caduca, fenece e finda, porquanto é artificial e coerente tão-só consigo, sendo nestes termos que aplica a sua presuntiva racionalidade. A realidade se torna virtual, senão surrealista, fantasmagórica ou irracional.